

# POR UMA CARTOGRAFIA CONCEITUAL DA WEB INVISÍVEL: a dobra oculta do ciberespaço

Silvana Drumond Monteiro\*

## RESUMO

A Web Invisível é a maior porção do ciberespaço e possui complexidade tanto conceitual quanto tecnológica. Para perscrutá-la, alguns conceitos são coligidos, uma vez que não há consenso em seu campo semântico: Web Profunda, Invisível, Oculta e *DarkWeb*. Também, de acordo com Sherman e Price (2001), apresenta as camadas invisibilidade que compõem esse objeto para melhor compreensão das fronteiras difusas da Web Invisível, que são, Web Opaca, Proprietária, Privada e a Invisível. Para completar a cartografia conceitual, a dobra, conceito leibniziano ressignificado por Deleuze (1991), é a premissa para a ilustração, tanto do conceito quanto do movimento dos platôs simbólicos que formam a Web Invisível no ciberespaço.

**Palavras-chave:** Web Invisível. Dobra Deleuziana. Ciberespaço.

\* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, Brasil.  
E-mail: silvanadrumond@gmail.com

[...] O que chamamos de 'mapa', ou mesmo um 'diagrama', é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo. Por isso cada coisa tem a sua geografia, sua cartografia, seu diagrama [...] (DELEUZE, 1992, p. 47, grifo do autor).

## I INTRODUÇÃO

O ciberespaço possui muitas dimensões e desdobramentos simbólicos, dentre eles, a Web Invisível, que tem sido objeto de investigação científica nos últimos tempos. Para compreendê-la, fizemos um mapeamento conceitual que demonstra as nuances semânticas do conceito das camadas de invisibilidade do ciberespaço.

Não obstante, faltava escrever ou desenvolver o conceito de dobra. De acordo com Deleuze (1999), todo método implica uma ou mais mediações para estudar, compreender o objeto e, enfim, solucionar o problema ou comprovar as premissas. Neste caso, a mediação

principal, para perscrutar a Web Invisível, foi o **conceito de dobra**. Percebemos então, as várias partes do ciberespaço, ou melhor dizendo as várias Webs como dobras do ciberespaço.

O termo "cartografia", neste artigo, é emprestado de Costa (2008) que o adota em dois sentidos: a cartografia é metafísica porque investiga conceitos relevantes e essenciais, de forma mais ampla, da tradição filosófica e, de forma mais específica, para a Filosofia contemporânea, conceitos que a princípio não podem passar pelo crivo da experiência científica; e a cartografia é descritiva porque descreve, de forma exegética, a origem histórica desses conceitos e como eles foram trabalhados e retrabalhados pela Filosofia contemporânea.

Considerando que não faremos mapa (sentido mais comum do termo) do ciberespaço, apenas cartografia conceitual, no contexto da Filosofia, achamos apropriado o título e o método desta pesquisa, ou seja, entendemos que a linguagem, e em especial o conceito, nos oferece acesso epistêmico ao objeto em estudo: a Web Invisível.

Em estudos que temos empreendido sobre o ciberespaço, deparamo-nos com obras clássicas, seja sobre a Web Invisível, seja sobre mecanismos de busca ou Arquitetura da Informação, cujas autorias são de bibliotecários<sup>1</sup> e cientistas da informação, o que corrobora que esses objetos científicos fazem parte de nosso espectro de investigação e atuação.

Na construção desses objetos, completamos a nossa base epistemológica com o aporte teórico que põe em conexão a cognição e a tecnologia, para tanto, elegemos o conceito filosófico de “dobra”, pois atende o nosso objetivo, conforme apresentaremos.

## 2 O CIBERESPAÇO E SUAS WEBS

Apesar de o objetivo, deste artigo, ser cartografar conceitualmente o ciberespaço por meio da Web, é interessante destacar que essa ambiência possui uma topologia relacional: proximidade e vizinhança em vez de proporções de medidas. De acordo com Serres, tais relações ainda contemplam os elementos: fechado, aberto, intervalos, orientação e direção, proximidade, aderência, imersão, dimensão, sendo que “[...] todas essas realidades são sem medidas, mas com relações.” (apud GOMEZ, 2004, p.85).

Nesse sentido, Fragoso (2000, p. 110) corrobora “De fato, uma vez que emerge das relações estabelecidas entre os vários elementos que o compõem - no caso da *World Wide Web* os vários *Websites* - o ciberespaço seria, por definição, um espaço do tipo relacional.”

Mas que tipo relação abordar? São muitas e podem ser perscrutadas sob vários aspectos e campos de conhecimento. As Web estão situadas em campos simbólicos relacionais, substratos digitais, denominações variadas e pragmáticas diversas, mas interligadas como uma dobra do ciberespaço. A Web Invisível, por sua vez, é o maior espaço do ciberespaço<sup>2</sup>, e por suas camadas de invisibilidade e possibilidades de relações de saber e poder, permeadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, talvez seja

a mais complexa de exploração científica e inteligibilidade plena.

A Web Invisível nasceu juntamente com a tecnologia de banco de dados no ciberespaço, posteriormente com a inclusão do *e-commerce* e, por último, com a adaptação dos servidores para permitir a visualização de informações por meio da geração de páginas “dinâmicas”. Como consequência, essas informações ficaram invisíveis aos mecanismos de busca, sendo que Jill Ellsworth, em 1994, utilizou pela primeira vez o termo *Invisible Web* para designar o conteúdo que não era indexado pelos buscadores. (BERGMAN, 2001).

Segundo artigo sobre o tema (MONTEIRO; FIDENCIO, 2013), a Web Invisível começou a ser estudada, de acordo com as obras clássicas que abordaram o tema, no começo dos anos 2000, sendo as principais, o livro de Sherman e Price (2001), artista visual e bibliotecário, respectivamente, intitulado *The Invisible Web: uncovering information sources: search engines can't see* e o relatório de Bergman (2001), *White paper: the Deep Web: surfacing hidden value*.

É interessante observar que não há consenso na terminologia, sendo a empregada por Sherman e Price a mais adequada para nossos propósitos, uma vez que o conjunto visível/invisível não se trata de um par dicotômico, mas, antes, as dimensões de invisibilidade pelas quais o ciberespaço, em especial a Web, pode ser qualificada e estudada.

Admitem, também, que o termo invisível é correto por haver uma camada em que os mecanismos de busca não podem indexar, por vários motivos, sejam eles por razões técnicas deliberadas, isto é, o uso de instruções no *site* para que o mecanismo não o indexe, como por exemplo, *robots.txt* ou *no index*, ou por política de indexação e restrições tecnológicas.

Traçar uma linha entre a Web Visível e a Invisível não é tão simples assim e, mais uma vez, o conceito da dobra reaparece, posto que os buscadores podem trazer à superfície alguns conteúdos.

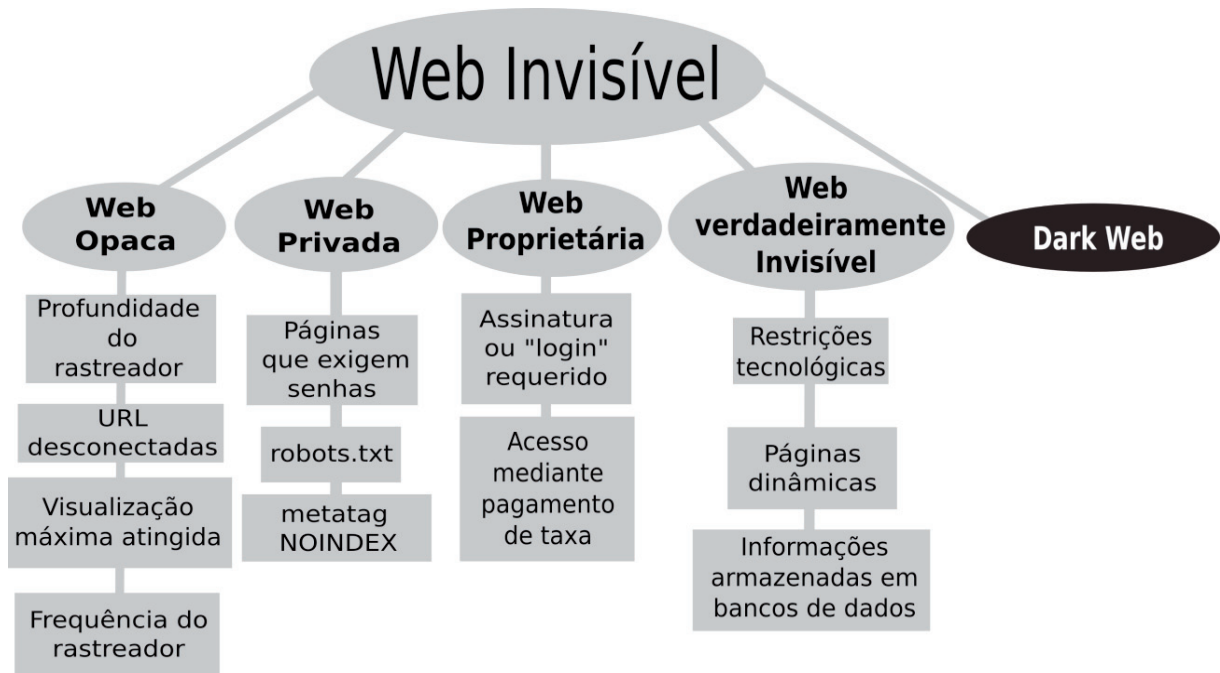
Para Sherman e Price (2001), entre o aspecto visível e invisível, várias camadas de (in) visibilidade e acesso aos conteúdos podem ser ilustradas, a saber:

- a) a Web Opaca;
- b) a Web Privada;
- c) a Web Proprietária;
- d) a Web realmente Invisível.

<sup>1</sup> Peter Morville e Gary Price são os clássicos exemplos de autores da área referida.

<sup>2</sup> Rajaraman (criador do Kosmix) confessa que não sabe o tamanho da Web Invisível, talvez de cinco a cem vezes maior do que a Web de Superfície (apud BECKETT, 2009, p. 2-3). Bergman a considerou de 400 a 550 vezes maior que a visível ou indexável e Sherman e Price (2001) estimaram entre 2 a 50 vezes maior que a Web Visível.

Figura 1 - As várias camadas da web



Fonte: Adaptado de Ford e Mansourian (2005, p. 585).

A Figura 1 sintetiza os aspectos ou motivos para a constituição de cada tipo ou camada de invisibilidade proposta por Sherman e Price (2001). Apenas a *DarkWeb* foi acrescentada para ilustrar uma nova dobra da Web Invisível, talvez a porção mais *underground* do ciberespaço, justamente por essa invisibilidade esconder práticas ilícitas e criminosas.

Não obstante, quando o conceito é confrontado com outros autores a complexidade aumenta. Sherman e Price (2001) afirmam que a classificação da Web Invisível diz menos respeito às distinções rápidas e complexas e mais ao limite amorfo da *Web*, que, de todo modo, torna sua definição difícil, a não ser, para nós, pela aproximação de conceito de “dobra” semiótica.

O Quadro 1 ilustra esses conceitos coligidos.

**Quadro 1** – A dobra semântica da web invisível

SIGNIFICADO	CONCEITO	CONCEITO
Parte da <i>Web visível</i> , ou seja, páginas que podem ser somadas ao banco de dados dos buscadores.	<i>Web Visível</i> Sherman e Price (2001)	<i>Web de Superfície</i> Bergman (2001)
Páginas de textos, arquivos, muitas vezes de alta qualidade e com autoridade informacional disponíveis na <i>Web</i> que os motores de buscas gerais não podem, devido a limitações técnicas, ou não querem, por escolha deliberada, adicionar aos seus índices de páginas <i>Web</i> .	<i>Web Invisível</i> Sherman e Price (2001)	<i>Web Profunda</i> Bergman (2001) Araújo (2001)
A <i>Web Opaca</i> consiste em <i>sites</i> que misturam arquivos e mídias, dentre os quais alguns são facilmente indexáveis e outros são incompreensíveis aos rastreadores. A profundidade, a frequência do rastreador e as páginas desconectadas (URLs) podem ser motivos da opacidade de páginas na <i>Web</i> .	<i>Web Opaca</i> Sherman e Price (2001)	<i>Web Oculta</i> Araújo (2001)
A <i>Web Privada</i> consiste em páginas que são de forma deliberada excluídas dos mecanismos pelo mantenedor (protegidas por <i>password</i> , <i>noindex</i> ou <i>robots.txt</i> ).	<i>Web Privada</i> Sherman e Price (2001)	
A <i>Web Proprietária</i> compreende o conteúdo indexável, mas restrito por ser propriedade dos seus mantenedores (instituições órgãos etc.), acessível mediante registro, em muitos casos gratuitos, assinatura e/ou pagamento de taxas.	<i>Web Proprietária</i> Sherman e Price (2001)	
Algo que aparentemente está completamente inacessível, mas, mediante o uso de uma ferramenta, é possível localizá-lo. Melhor seria, portanto, dizer que existe uma significativa parte da <i>Web</i> que está <i>oculta</i> para os motores de busca mais populares.	<i>Web Oculta</i> Araújo (2001)	<i>Web Profunda</i> Bergman (2001) <i>Web Opaca</i> Sherman e Price (2001)
Rede global de usuários e computadores que operam à margem da visibilidade e das agências fiscalizadoras, com conteúdos intencionalmente escondidos e protocolos de comunicação inacessíveis para um sistema sem configuração correta.	<i>DarkWeb</i> (Sem autoria determinada)	<i>Web Invisível</i> , Espaço de endereço escuro, Espaço de endereço sujo Beckett (2009)
A <i>Darknet</i> é o conjunto de redes e tecnologias utilizadas para compartilhar conteúdo digital, como <i>peer-to-peer</i> de compartilhamento de arquivos, CD e DVD. A <i>Darknet</i> não é uma rede independente, mas uma camada de aplicação e protocolo montados em redes físicas já existentes.	<i>DarkNet</i> Biddle, England, Peinado, Willman (2002)	

**Fonte:** Monteiro; Fidencio (2013, p. 43).

Pompéo e Seefeldt (2013, p. 440) baseados nos estudos de Bergman (2001) também admitem que o acesso à Web se dê por meio de camadas, em especial a Profunda (*Deep Web*, como designa) que contém, pelo menos, 10 delas, a saber:

- a) conteúdo dinâmico: página gerada mediante uma consulta;
- b) conteúdo isolado: páginas desligadas, isto é, sem *links*;
- c) conteúdo de acesso limitado: páginas que permitem o acesso de modo técnico, por meio de quebra-cabeças que garantam a identidade do usuário;
- d) conteúdo de *script*: ou seja, conteúdo *encriptado*;
- e) conteúdo que não seja HTML ou texto: arquivos multimídias ou extensões diferentes de HTML;
- f) conteúdo antigo: páginas anteriores à Web;
- g) Web contextual: exige reconhecimento de IP para navegação;
- h) Web privada: exige senha ou registro para acesso.

Embora não seja o objeto do presente artigo desenvolver a discussão apresentada, tanto no Quadro 1 quanto na Figura 1, uma vez que já consta no artigo referido de Monteiro e Fidencio (2013), tais representações visuais são rerepresentadas neste espaço como índice da Web Invisível, isto é, servem como diagramas das relações inteligíveis desse objeto, uma visão de conjunto para introduzir aos princípios da dobra, premissa sustentada e objeto deste texto, a saber: os princípios da dobra explicam filosoficamente a Web Invisível, bem com todas as dobras do ciberespaço<sup>3</sup> (Filosofia pragmática deleuziana da linguagem e do signo).

### 3 SOBRE A DOBRA

A “dobra”, cuja ressignificação por Deleuze (1991, p. 13) remete a sua análise sobre o barroco, é um conceito pertencente à Filosofia densa de Leibniz (1646-1716, de tradição

filosófica medieval cristã) que seguiremos contextualizando nos aspectos da Web Invisível. O barroco curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra. “[...] O traço barroco é a dobra que vai ao infinito [...]”.

Para explicar esse conceito, vamos percorrer os questionamentos de Oliveira (2003 p. 152). O que é uma dobra? Ora, é uma prega, que significa, em latim, *plica*, implicar, quer dizer dobrar ou conectar, unir; explicar é desdobrar ou dissociar. Mas, o que uma dobra faz? Unir coisas separadas que são postas em conexão e, aí, surge uma nova dimensão, novas possibilidades. Qual o seu efeito? “[...] A dobra, portanto, cria uma nova relação dentro-fora; uma nova *topologia*: quando o contato se realiza, isso equivale ao estabelecimento de ligações até então não concretizadas, apenas potenciais, entre os componentes dispersos originais [...]”.

O termo “criado”<sup>4</sup> por Deleuze é utilizado para contextualizar a Arte barroca a partir da complexa Filosofia de Leibniz sobre a relação da alma e corpo, ou ainda, da alma e o mundo. O mundo é uma virtualidade que se atualiza nas almas, e essas se realizam nos corpos. São partes realmente distintas, mas inseparáveis, como uma dobra; é um e só mundo dobrado.

[...] É preciso colocar o mundo no sujeito, a fim de que o sujeito seja para o mundo. É essa torção que constitui a dobra do mundo e da alma que dá a expressão seu traço fundamental: a alma é a expressão do mundo (atualidade), mas porque o mundo é o expresso pela alma (virtualidade) [...]. (DELEUZE, 1991, p. 51).

É certo que a dobra supracitada, em Leibniz, relaciona seres orgânicos e inorgânicos, por isso a distinção dos dois mundos, mas é certo também que Deleuze a atualiza para o universo da expressão, da criação e da pragmática.

Em Filosofia, a sintaxe tende para o movimento do conceito, de forma que Deleuze, sobre o conceito de dobra, afirma: “Ora, o conceito não se move apenas em si mesmo, (compreensão filosófica), mas também nas coisas

<sup>3</sup> São elas: Web Invisível, Web 2.0 ou Social, Web 3.0 ou Semântica, Web Pragmática, Web Móvel, Web Semiótica e *DarkWeb* e tantas outras em devir. Neste artigo, em razão da extensão que o espaço permite, não iremos estudá-las, apenas a Web Invisível, com seus platôs de intensidades ou campos semânticos, como dobras do ciberespaço.

<sup>4</sup> “[...] Leibniz não inventou a noção e a operação da dobra, que se conhecia anteriormente nas ciências e nas artes. No entanto, foi o primeiro pensador a ‘liberar’ a dobra, levando-a ao infinito [...]”. (DELEUZE, 1992, p. 202).

e em nós: ele nos inspira novos *perceptos* e novos *afectos* [...]”<sup>5</sup> (1992, p. 208, grifo do autor).

Assim, Deleuze (1991) apresenta os princípios do barroco, em que o conceito de “dobra” é explicitado, a saber:

1. A dobra. O Barroco inventa a obra infinita ou a operação infinita. O problema é não como findar uma dobra, mas como continuá-la, fazê-la atravessar o teto, levá-la ao infinito. É que a dobra não afeta somente todas as matérias, que se tornam, assim, matérias de expressão, de acordo com escalas, velocidades e vetores diferentes (as montanhas e as águas, os papéis, os panos, os tecidos vivos, o cérebro), mas ela determina e faz aparecer a Forma, fazendo dela uma forma de expressão. (DELEUZE, 1991, p. 66).

Contextualizando a dobra, de acordo com o autor, ela seria a continuidade do avesso e do direito, a arte de instaurar essa continuidade, de tal maneira que o sentido na superfície se distribui dos dois lados ao mesmo tempo. Ainda mais, ela forma novas topologias, novas configurações, novas constituições que formarão, por sua vez, novas máquinas.

Deleuze, em “Conversações” (1992, p. 199), afirma que há dobras em todo lugar: “[...] nos rochedos, rios, bosques, nos organismos, na cabeça e no cérebro, nas almas ou no pensamento, nas obras ditas plásticas [...]” Por que não haveria de ter no ciberespaço? As formas de expressão formadas pela dobra são hoje ilustradas e concretizadas pela Web Visível (ou indexada), Web Invisível, Web Semântica, Web Social ou Pragmática, Web Móvel e tantas outras dobras simbólicas capazes de constituir-se na fluidez do ciberespaço.

A dobra, em vez de instaurar fronteiras para explicar aquilo que exclui/inclui, o dentro e o fora, é uma maneira de contemplar essas partes, unidas no enrolamento/desenrolamento do signo, em uma topologia difusa, virtual, abstrata e simbólica, a localização de uma na outra, senão vejamos:

2. O interior e o exterior. A dobra infinita separa ou passa entre a matéria e a alma, a fachada e o compartimento

fechado, o exterior e o interior. [...] A conciliação dos dois não será direta, mas necessariamente harmônica, inspirando uma nova harmonia: é o mesmo expresso. [...] Mas, justamente, o expresso não existe fora de suas expressões. (DELEUZE, 1991, p. 66).

Se a conciliação entre eles não se faz direta, tampouco inspira uma harmonia na *Darkweb*, em razão das relações de saber e poder (aqui reside o ponto de inflexão com o princípio). Já na Web Invisível, a harmonia depende do quanto um *crawler* é capaz de aprofundar a indexação da página e um algoritmo de traduzir e apresentar formatos (intersemiose) diferentes em uma busca, ou seja, condições simbólicas e semióticas do saber.

Mas, conjuntamente às formas de expressão, que equivalem ao saber, existem as relações de poder. Poder de impedir o acesso, poder de esconder-se por questões legais, não só, mas geralmente mal intencionadas (crime, pedofilia, etc). “ O poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas.” (DELEUZE, 1992, p. 126).

Há sempre uma tensão diagramática, relações de saber e poder. Deleuze (1992), em entrevista sobre a teoria de Foucault, afirma que a superfície<sup>6</sup> torna-se sempre superfície de inscrição, o enunciado apresenta ao mesmo tempo um aspecto visível e invisível.

Vejamos que, para Foucault, pensar é ver e falar. Conquanto que o olhar não fique plasmado nas coisas e se eleve até as visibilidades, e que a linguagem não se perca nas palavras ou frases, mas se eleve até os enunciados. Ademais, pensar é poder, estender as relações de força aos atos, tais como “[...] incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável...” (DELEUZE, 1992, p. 124).

Cabe-nos, agora, um questionamento: seriam a Web Invisível e a *Darkweb* as relações de poder e saber do ciberespaço?

No aspecto do saber, Bergman (2001)<sup>7</sup> indica que a qualidade do conteúdo total da *Web Profunda* é de 1.000 a 2.000 vezes maior que a *Web de Superfície* e mais da metade do conteúdo

5 O conceito possibilita novas maneiras de pensar, o *percepto* novas maneiras de ver e ouvir e o *afecto* novas maneiras de sentir. (DELEUZE, 1992, p. 208, grifo do autor).

6 Lembremos que Web se superfície, utilizada por Bergman (2001), é o equivalente à Web indexável ou Visível.

7 Bergman (2001) prefere utilizar os termos Superfície e Profunda a Visível e Invisível, conforme o Quadro 1.

da *Web* profunda reside em bases de dados especializadas.

Em relação ao poder, a divulgação de informações sigilosas, pelo *Wikileaks*, site capitaneado por Julian Assange e localizado anteriormente na *DarkWeb*, e denúncias de espionagem de mensagens digitais por Estados nacionais, em nome dos quatro cavalheiros do infoapocalipse: terrorismo, pedofilia, lavagem de dinheiro e drogas (ASSANGE, 2013), têm sido notícias recorrentes na mídia “Tal e qual um líquido, o qual se forma conforme o ambiente e se maneja sorrateiramente pelas beiradas e infiltrações, os perigos desse novo mal pós-moderno alcança toda a sociedade em rede [...]” (POMPÉO; SEEFELDT, 2013, p. 444).

O próximo princípio:

3. O alto e o baixo. Mas, diferenciando-se, ela se dissemina para os dois lados: a dobra diferencia-se em dobras que se insinuam no interior e que transbordam para o exterior, articulando-se, desse modo, como o alto e o baixo. Redobras da matéria sob condição de exterioridade, dobras da alma sob condição da clausura. Redobras da partitura e dobras do canto. (DELEUZE, 1991, p. 67).

O interior e exterior, o alto e o baixo, informações que se mostram, ou ocultam-se, de acordo com as tecnologias de indexação, informações que se tornam invisíveis por questões tecnológicas deliberadas, como política de indexação dos mecanismos, em razão do anonimato (TOR) ou na *DarkWeb*. Por outro lado, o investimento nos serviços de busca para indexar e operar a tradução interssemiótica nos resultados mostra esse movimento de navegação e acesso entre uma e outra.

Outro princípio muito interessante, porque faz visualizar a topologia da dobra é a desdobra, pois a metáfora ou analogia de Deleuze (1991) é a arte japonesa do *Hantai*, em que uma superfície dobrada (tela, papel, mesa...) é pintada e ao abri-la, no seu estiramento, faz com que alterne a cor ou zonas em branco e pintadas:

4. A desdobra. Certamente, a desdobra não é o contrário da dobra nem sua elisão. Quando a dobra deixa de ser representada para tornar-se ‘método’, operação, ato, a desdobra vem a ser o resultado do ato que se

expressa precisamente dessa maneira. (DELEUZE, 1991, p. 68).

Talvez esse ato ou método possa ser um mecanismo de busca<sup>8</sup> que percorra o ciberespaço, desvelando e desdobrando camadas virtuais simbólicas em vários de seus planos, dos quais alguns conceitos tentam explicar o campo semântico da *Web* Invisível: quais sejam: profunda, oculta, opaca, privada e proprietária; eis que a desdobra não é o contrário da dobra, “[...] mas o movimento que vai de umas dobras às outras.” (DELEUZE, 1991, p. 157). Também essas partes podem ser designadas por suas texturas, o próximo princípio da dobra:

5. As texturas. Em regra geral, a maneira pela qual uma matéria se dobra é que constitui sua textura: ela define-se pelas suas partes heterôgeneas e realmente distintas do que pela maneira que essas partes tornam-se inseparáveis em virtude das dobras particulares. [...]. Tudo se dobra a sua maneira [...]. assim, a textura depende não das próprias partes mas dos estratos que determinam sua ‘coesão’. (DELEUZE, 1991, p. 70).

No ciberespaço, espaço simbólico em essência, as várias partes ou *Web* podem ser distintas ou apresentar heterogeneidade semiótica e pragmática, mas elas são e estão inseparáveis, formando dobras navegáveis pelos robôs dos mecanismos de busca ou tecnologias específicas para o acesso devido, no movimento interior/exterior explicitado no princípio 2.

Com efeito, Bergman (2001) utiliza a metáfora do *iceberg* ou mesmo da pescaria para ilustrar as camadas e o acesso à *Web* Invisível, quanto mais superficial ou visível o conteúdo, menor a sua extensão e proporção.

Por fim, o sexto princípio:

6. O paradigma. A procura de um modelo da dobra passa pela escolha de uma matéria. É a dobra de papel, como o Oriente sugere, ou é a dobra de tecido, que parece dominar o Ocidente? Mas a questão toda está em que os componentes materiais da dobra (a textura) não devem ocultar o elemento formal ou forma de expressão. (DELEUZE, 1991, p. 71).

<sup>8</sup> Vários são os exemplos de mecanismos de busca especializados na *Web* Invisível: Pipl, DeepDyve, BiZnar, Hakia, Scirus, Complete Planet e Internet Archives.

Sobre essa questão temos que lançar mão, mais uma vez, da Filosofia, sobre o conceito de matéria. Dizer que o ciberespaço é virtual, não tira de si sua existência física: há seres físicos que são materiais e outros da ordem da imaterialidade. De acordo com Teixeira (2013, p. 42-43), “[...] A Física contemporânea trouxe a tessitura do mundo sensorial para a ordem da informação, do código e não apenas do sensível [...]”. Isso quer dizer que, há seres que preenchem essa condição, como a mente, as sombras, o reflexo de um espelho e uma borda, “[...] Há seres imateriais que compõem o que chamamos de universo do virtual [...]”.

O sexto princípio da dobra sobre o barroco percorre várias matérias sobre as quais a forma pode envolver-se, desenvolver-se, enrolar-se e desenrolar-se nas curvas, sejam elas de saber ou poder. O mundo simbólico, com seus componentes imateriais da dobra, oculta ou não deveria ocultar seu elemento formal ou forma de expressão: a Web Invisível. É sempre possível utilizar os pontos dobra para percorrer esses espaços: mecanismos de busca especializados, Tor, *Hidden Web*... Que paradigma podemos extrair desse princípio? Talvez o paradigma da dobra, “[...] A dobra é a potência. [...] A própria potência é ato, é o ato da dobra [...]” (DELEUZE, 1991, p. 37).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explicação do conceito de dobra, utilizado como possibilidade de compreensão do nosso objeto, sempre se dá sob o deslizamento semântico, quer dizer, por uma imagem de

pensamento. A **dobra** está longe de ter esgotado a sua potência, e a Web Invisível está longe de esgotamento pragmático ou completude científica, mas, segundo Deleuze (1992), é um bom conceito filosófico.

A cartografia conceitual aqui utilizada, demonstrando as camadas de invisibilidade da Web Invisível, como também, em um nível mais filosófico, associando-a ao conceito de dobra em seus princípios extraídos de Deleuze (1991), tem demonstrado, uma vez mais, a complexidade do ciberespaço e dos objetos simbólicos contemporâneos, sobre os quais temos nos debruçado em nossas pesquisas. Assim, o conceito de dobra nos inspirou uma nova maneira de pensar, de ver e sentir a Web Invisível, pois esse é o objetivo do conceito, a compreensão linguística em si, o movimento das coisas e em nós.

Após estudar a semantização da Web e a Web Invisível, está em curso de investigação a *DarkWeb* e a Web Pragmática, que serão apresentadas em trabalho posterior à compreensão de todas dobras semióticas do ciberespaço, ilustrando a emergência da dimensão pragmática da linguagem nesse espaço.

Se as metáforas do *iceberg*, do oceano e sua profundidade, bem como da pescaria já foram empregadas como imagens à compreensão da Web Invisível, no mundo pós-moderno, de objetos físicos imateriais, achamos procedente relacionar essa cartografia ao conceito de dobra semiótica, no contexto da Filosofia pragmática do signo, pois explica, ao menos em parte, nossa apropriação do sentido no ciberespaço.

#### CONCEPT MAPPING IN AN INVISIBLE WEB: the fold obscure cyberspace

##### Abstract

*The Invisible Web is the largest portion of cyberspace and has both conceptual complexity both technological. To scrutinize it, some concepts are collected, since there is no consensus on its semantic field: Deep Web, invisible, Hidden and DarkWeb. Also, according to Sherman and Price (2001), shows the layers that make the object invisible to better understand the fuzzy boundaries of the Invisible Web, which are Web Opaque, Owner, Private and invisible. To complete the conceptual cartography, the fold, Leibnizian concept reframed by Deleuze (1991), is the premise for the illustration of both the concept and the movement of symbolic plateaus forming the Invisible Web in cyberspace.*

##### Keywords:

*Invisible Web. Fold Deleuze. Cyberspace.*

---

Artigo recebido em 23/07/2013 e aceito para publicação em 17/11/2013

---



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J.P. de. Invisível, oculta ou profunda? A web que poucas ferramentas enxergam. Disponível em: <<http://www.comunicar.pro.br/artigos/weboculta.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2012.
- ASSANGE, J. **Cipherpunk**: liberdade e o futuro da internet. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BECKETT, A. **The dark side of the internet**. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/technology/2009/nov/26/dark-side-internet-freenet>>. Acesso em: 21 dez. 2011.
- BERGMAN, M. K. White paper: the deep we: surfacing hidden value. **Journal of Electronic Publishing**, v. 7, n. 1, ago. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3998/3336451.0007.104>>. Acesso em: 23 set. 2011.
- BIDDLE, P. ; ENGLAND, P. ; PEINADO, M. ; WILLMAN, B. **The Darknet and the future of content distribution**. Disponível em: <<http://msl1.mit.edu/ESD10/docs/darknet5.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2012.
- COSTA, C. F. **Cartografias conceituais**: uma abordagem da Filosofia contemporânea. Natal: EDUFRN, 2008.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Campinas: Papirus, 1991.
- FRAGOSO, S. Espaço, ciberespaço e hiperespaço. **Textos de Comunicação e Cultura**, n. 42, p. 105-113, 2000. Disponível em: <[http://academia.edu/1772092/Espaco\\_ciberespaço\\_hiperespaço](http://academia.edu/1772092/Espaco_ciberespaço_hiperespaço)>. Acesso em: 8 jul. 2013.
- GOMEZ, M. V. **Educação em rede**: uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.
- MONTEIRO, S.D. ; FIDENCIO, M.V. As dobras semióticas do ciberespaço: da web visível à invisível. **Transinformação**, v. 25, n. 1. p. 35-46, 2013.
- OLIVEIRA, L.A. Biontes, bióides e borgues. In: **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 139-174.
- POMPÉO, W.A.H. ; SEEFELDT, J.P. Nem tudo está no Google: *Deep web* e o perigo da invisibilidade. In: CONGRESSO NACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, 2., Santa Maria, 2-6 jun. 2013. Mídias e direitos da sociedade em rede. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2013. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/congressodireito/anais/>>. Acesso em: 22 jul. 2013.
- SHERMAN, C. ; PRICE, G. **The invisible web**: uncovering information sources: search engines can't see. Medford (NJ): Cyberage Books, 2001.
- TEIXEIRA, J.F. **A mente pós-evolutiva**: a filosofia da mente no universo do silício. Petrópolis: Vozes, 2010.